

## 1

As cabinas cheias de turistas moviam-se serenas como naves espaciais sobre a longa e ampla estrada em direcção ao Sul. O fim da tarde começava a colorir de roxo as paisagens ondulantes da *Autoroute du Soleil*, a faixa de automóveis tornava-se menos compacta. Rex Hofman e Saskia Ehlvest levavam já dez horas de viagem e estavam a cerca de uma hora de distância do ponto de chegada da sua primeira etapa: um hotel em Nuits St. Georges, não muito longe de Dijon. Ficava um pouco afastado do itinerário mais lógico, mas Saskia achava que o nome justificava o pequeno desvio.

O objectivo final era uma casinha nas colinas sobre o Mar Mediterrâneo, perto de Hyères. Já tinham feito um percurso semelhante num só dia, mas desta vez tinham andado muito por estradas secundárias e em vez de seguirem a circular tinham atravessado Paris e bebido qualquer coisa numa esplanada, quando se perderam. «É muito mais giro ver a cor local mudar lentamente» — dissera Saskia.

A cor local muda sempre para vermelho quando nos aproximamos, pensou Rex, mas para seu próprio espanto não o disse.

No entanto, estava calor e a viagem era longa, e na última hora o ambiente tornara-se um pouco tenso. Quando Saskia teve de largar o seu tricô pela segunda vez num espaço de dez

minutos, por Rex querer uma laranja descascada, deixou cair a fruta ao chão.

— Oh! Caiu! Oh! — exclamou.

Ele desconfiou que ela tinha feito de propósito, mas ficou calado. Talvez também fizesse um uso exagerado dos seus direitos de condutor, para se vingar pelo facto de ela nunca conduzir. Pagara-lhe as aulas, mas após o exame, ela praticamente não voltara a pegar no carro, por mais que Rex insistisse. Este tinha pena, sonhara com viagens grandes, com longas noites nas quais iriam revezar-se ao volante.

Ela debruçou-se sobre o painel de instrumentos.

— Que estás a fazer?

— Estou a ver a gasolina.

— Ainda agora atestámos!

— Estou só a olhar!

O indicador de gasolina do carro estava avariado. O mesmo acontecera há três anos, aquando das suas primeira férias juntos. Certa noite, ele ignorara a última bomba de gasolina, jurando que havia combustível suficiente para chegar ao hotel — e Saskia tivera de esperar três horas numa estrada rural italiana, escura como breu, até ele regressar com um bidão. A partir daí, passou a haver um bloco de notas magnético pegado ao tablier, para controlar os quilómetros: um presente de Saskia. Nas férias, fazia-o ela própria, já havia três valores escritos com a sua caligrafia. Estes mostravam que era possível chegar a Nuits St. Georges sem parar para abastecer, e, além disso, o bidão continuava sempre no porta-bagagens, mas o que é certo é que no primeiro dia de férias está-se sempre um pouco preocupado. Havia tantas coisas que podiam correr mal — as reservas do hotel estariam mesmo feitas? As bicicletas não cairiam do tejadilho? A casinha alugada existiria mesmo?

Porque não te sentas tu ao volante? Assim consegues ver o conta-quilómetros muito melhor, foi o que pensou Rex, tal como: é melhor não dizer isto agora. Porém, disse-o.

Magoada, ripostou: — Só não quero ficar novamente sem gasolina, se não for muito incómodo.

— Há o suficiente para regressar a Amsterdão — disse Rex. Saskia assobiou umas notas e olhou pelo vidro lateral.

No alto de uma encosta erguia-se, como um estranho castelo branco, uma estação de serviço, anunciada por uma placa: TOTAL, 900 metros. Próxima estação: FINA, 49 quilómetros. A FINA dava perfeitamente, mas aquela estação TOTAL surgia ali como um pomo de discórdia inevitável.

Não disseram nada.

No último momento, Rex virou para o terreno da estação de serviço. Não diminuiu sequer a velocidade para fazê-lo do modo mais inesperado possível.

Céus, que criancice, pensou. Pelo canto do olho direito tentou ver a reacção de Saskia. Ela tinha os lábios cerrados e os olhos arregalados: um rosto cómico que tinha um significado claro entre eles: convite à reconciliação.

Olharam um para o outro e riram-se.

— *Peace?* — perguntou ela, levantando os dois dedos em V.

— *Peace.*

— Bom, então aproveito e vou *pisser*.

Rex quisera seguir caminho sem meter gasolina; porém, colocava-se agora na fila mais curta; as bombas estavam todas ocupadas. Saskia deu-lhe um beijo e saiu.

Como a amo, pensou, enquanto ela desaparecia pelas portas de vidro automáticas para dentro da loja de serviço, com a cesta de vime no braço. No rosto dele surgiu um sorriso que observou de relance no espelho retrovisor, como se fosse um presente dela. Quatro anos depois, ainda não conseguia acreditar que ela era mesmo dele.

Eram precisamente aquelas discussões infantis que mostravam a união de ambos. Entregavam-se a elas para sentirem o quanto gostavam um do outro, como ricos que esbanjam

dinheiro. Dali a uma hora estariam os dois na banheira em Nuits St. Georges.

Já eram sete e dez, mas ainda reinava a confusão sob a cobertura das bombas, com papéis de gelado espalhados pelo chão, *roulottes*, homens de calções de desporto e T-shirts enroladas para cima, um dois cavalos com uma canoa de nome «Queen Elizabeth» no tejadilho. Quando Rex pôde avançar até à bomba, por pouco não atropelou uma menina de ar vietnamita que puxava um pato com rodinhas.

As portas automáticas mal paravam à conta do grupo heterogéneo de pessoas que só tinham uma coisa em comum: a estação TOTAL não era o destino final de nenhuma delas. Um negro de túnica africana olhava em volta, procurando, enquanto segurava dois gelados pela ponta, um homem de braço ao peito estava encostado à parede envidraçada da loja e coçava a cabeça com a outra mão, um pai tirava uma fotografia a um rapaz e uma rapariga com bonés a fazer publicidade à RICARD. E no preciso momento em que Rex acabara de pagar, já surgia novamente o cabelo eriçado e pintado de ruivo de Saskia.

Sentaram-se os dois ao mesmo tempo. Saskia olhou para o conta-quilómetros e anotou a leitura no bloco de notas. Demorou-se mais do que o necessário e quando terminou, Rex leu: *512 (!!!!) Um pouco cedo! Mas não importa!* Beijou-a por cima da orelha e arrancou: agora seria sempre a andar até Nuits St. Georges.

Mas Saskia disse: — E se descansássemos aqui um bocadinho? Fazia-te bem. Vá lá, tínhamos combinado viajar nas calmas e confortavelmente.

Rex preferia mesmo seguir viagem, mas não era a melhor altura para rejeitar as boas intenções dela. Estacionou perto de um caixote do lixo na parte mais afastada do extenso relvado pertencente à estação de serviço.

Saskia despejou o saquinho com as cascas no caixote e depois estiveram durante um bocado a dar pontapés e a atirar a

bola que ela comprara especialmente para desentorpecer os músculos rígidos da condução. Em seguida, caminharam abraçados até à vedação que delimitava o relvado e foram sentar-se numa espécie de pequeno outeiro.

Por trás havia um monte de detritos a céu aberto.

— Não estamos propriamente a retemperar forças à beira de um regato murmurante — comentou Saskia. O próprio relvado estava salpicado até às bombas por uma via láctea de embalagens amarrotadas e maços de cigarros.

Ficaram sentados lado a lado durante algum tempo, em silêncio. A luz do dia já começava a desaparecer. Podia ver-se a fila de automóveis na *Autoroute* por uma sebe; era possível imaginar que daquele local se podia observar eternamente o deslizar de automóveis.

— Ei, amo-te — disse Saskia. As grandes letras vermelhas da palavra TOTAL, que estava na cobertura por cima das bombas, formavam uma coroa de plástico sobre a sua cabeça.

— E eu a ti.

— E vamos ter umas óptimas férias.

— Sim. Sim, também acho.

— Vamos deixar aqui uma moeda?

— Vamos.

Rex abriu o porta-moedas e deu um franco a Saskia. Ela também tinha um e chocalhou as moedas nas mãos de modo a já não ser possível saber de quem era qual. Então, escolheu um dos postes da cerca e colocou os francos lado a lado numa fenda junto à base de betão. A parte superior destes continuava visível. Rex tapou-a com uma pedra grande.

Contou; era o oitavo poste a partir do fim da vedação. Um sorriso aflorou-lhe o rosto: oito era o número da sorte dela. As rosas eram mais bonitas se fossem oito, e ela tinha pena que ele não fosse um ano mais novo — assim, fariam oito anos de diferença.

Rex abraçou-a, deixaram-se estar assim um bocado.